

A ESCOLA INDÍGENA APURINÃ DO Km 45: REFLEXÕES SOBRE UMA EXPERIÊNCIA.<sup>1</sup>

*Cláudia Netto do Valle Pereira*  
*Unicamp*

*"Eu gosto de estudá e quero a prender ler,  
para eu saber muita coisa que os outros  
pessoa sabe. Por isso eu vou estudá. Eu  
gosto de jogar bola."*

7.11.81

*Paninime (Lauro)*

Este trabalho pretende refletir um momento da minha experiência "escolar" com os Apurinã do Km 45 da Br 317 que liga Rio Branco no Estado do Acre à Boca do Acre no Estado do Amazonas.

Conheci os Apurinã do Km 45 como são chamados, em 1977, quando estive na área pela primeira vez e um grupo de mulheres, sabendo que eu era professora, solicitou-me que as ajudasse a montar uma escola, pois queriam aprender a ler e escrever para "ajudá seus maridos."

Em janeiro de 1981 eu estive fazendo um levantamento etno-sociolingüístico que me desse um retrato mais real da situação de uso da língua indígena e qual o seu real valor como fator de identidade, além de coletar dados que me permitissem verificar os fonemas da língua e as possíveis variações dialetais.

Nessa ocasião, estabelecemos uma troca: eu aprenderia com eles sua língua e depois voltaria para "ensiná-los" a ler e escrever em Português e se eles quisessem também poderiam ler e escrever em Apurinã. Conversamos sobre a necessidade de aprender Português e da sua vontade de também escrever e ler em língua Apurinã.

Em setembro do mesmo ano voltei para cumprir o prometido.

Entre uma etapa e outra, trabalhei com os dados recolhidos em campo, li o material lingüístico levantado pelo Summer Institut of Linguistics

que havia pesquisado na região de Pauni e Tapauã no médio Purus e procurei ve rificar as variações fonêmicas mais significativas do dialeto falado pelos Apu rinã do Km 45. Paralelamente à pesquisa na língua indígena, procurava me prepa rar para a alfabetização em Português, que já sabia eu, seria o começo do pro cesso de escrita e leitura, pois era essa a vontade dos Índios. Optei por não levar material didático pronto mas juntos, pesquisadora-"professora" e pesqui sadores-"alunos" prepararíamos na área o material a ser utilizado.

Pouco depois de chegarmos na área, e eu aqui uso o plural, pois fomos eu e a Joana, minha filha de quatro anos, que junto com outras crianças da aldeia, muito colaborou para que nossa prática "escolar" saísse do âmbito da sala de aula e retornasse às casas e ao pátio da aldeia, espaço privilegia do onde os avós reassumiam seu papel de reais transmissores da cultura Apurinã. Logo após, então, nossa chegada na área, iniciamos a escola. A grande maioria já tinha um princípio da escrita e leitura e não falava Apurinã sabendo uma ou tra palavra na "gíria", que é o termo usado por eles para denominar sua língua de origem, sem nenhum sentido pejorativo como querem alguns. Para eles - os Apurinã - "gíria" é o termo usado para o que nós, brancos, chamamos - língua.

Iniciamos com a alfabetização em Português para adultos e crian ças. É preciso dizer que trataremos aqui apenas da escola noturna com os adu l tos. Do ponto de vista da pesquisa, enquanto procura de novos recursos metodo lógicos, a experiência com as crianças foi mais inquietante no que toca ao en sino de Português, do ponto de vista das questões de ordem político-ideológica que envolvem a escola no meio indígena e o ensino da língua materna, o traba lho com os adultos traz mais elementos que atendem aos interesses específicos deste trabalho.

Após uma etapa de quatro meses, ao final de dezembro termináva mos uma etapa do trabalho com um grupo bastante grande de alunos alfabetizados. O texto que segue foi escrito em novembro (5/11).

#### "Eu sou Índio Apurinã"

Eu sou neto de um guerreiro velho que já morreu a muitos anos atrás. Ele era pajê que curava muitos Índios e também era muito valente e não gostava de conversa fiado. Não só ele que era pajê mais tam bém tinha os outros pajê que curava os Índios. Des de o tempo que os pajê morreu, os povos Apurinã fi cou sem nenhum pajê. Mas nada modificou para os ín dios Apurinã. Mesmo assim os Apurinã vivem lutando pelos direitos e sempre com muita coragem.

*Mariote Aiua (Geraldo)*

Nessa época, com este pequeno grupo de alunos já alfabetizados, iniciamos o que eu prefiro chamar - um grupo de estudos de língua Apurinã - com posto de doze jovens não falantes de Apurinã e mais três que falavam Apurinã como primeira língua.

O grupo de estudos durou um mês. Durante esse período fizemos um quadro comparativo dos fonemas Apurinã/Português, traduzimos textos escritos em língua indígena, por um jovem que os escreveu por vontade própria, ainda com os fonemas do Português, texto que foi reescrito depois, quando estudamos juntos a fonêmica do Apurinã. Coletávamos também diálogos informais, estudávamos as letras das músicas cantadas pelos cantadores, etc.

Havia interesse mas sempre uma expectativa de que o "professor" "ensinasse" Apurinã a eles.

Durante esse período vivido com grande ansiedade por mim, fomos observando a atitude deles com relação à língua, como podemos observar nesta série de depoimentos:

- "É bom, né, aprender outra língua."  
(Geraldo)

- "Será que eu aprendo essa língua?"  
(Francisco)

- "Eu só fiquei sabendo dessa língua aqui."  
(Sarapião)

O distanciamento que uns manifestavam claramente, como observamos aqui, outros indicam com o silêncio quando eu tentava investigar seu grau de interesse pela língua. O que muito me inquietava pois, através da convivência com eles eu já sabia ser o silêncio pleno de significados. Eles calavam pois não tinham o quê dizer? Ou calavam pois não queriam me dizer o que tinham a dizer?

Do ponto de vista deles eu era uma "professora diferente". Eu me interessava pelos cantos, pela pesca coletiva, pelas vasilhas de barro, pela fala dos avós que teimava em aprender. Para alguns jovens, eu comecei a perceber, que eu, "cariu"<sup>2</sup>, aprender uma língua que eles, os índios, não falavam, representava uma certa intromissão pois nenhum "cariu" até então havia demonstrado esse interesse pela "gíria", muito pelo contrário. Mais ainda que não soubessem a língua de seus pais, esta representava um bem secreto que os unia e marcava de forma clara, sua identificação mais íntima com o "mundo dos antigos", espaço outro, onde a "terra era muita", a caça farta, onde o "paneiro"<sup>3</sup> voltava cheio de peixe depois do tinguí<sup>4</sup>, onde não havia o medo, a doença, a

morte dos parentes , a língua quebrada.

Finalmente, depois de um mês de muitas dúvidas, temores e ansiedade, o pessoal disse que não queria mais estudar Apurinã, preferiam estudar matemática. Argumentavam que a língua eles já sabiam e que escrevê-la não lhes traria benefícios imediatos, que eles necessitavam saber "contas", pra mexer com dinheiro, banco etc.

Os falantes de Apurinã, sobretudo, passaram a agir declaradamente como se estivessem perdendo tempo e preferiram ficar estudando matemática, inclusive um dia ocorreu um fato interessante, três rapazes faltaram à reunião do grupo de estudos, na volta, eu passei pela casa deles e eles estavam em casa fazendo exercícios com os livros de matemática.

Desta forma, para podermos entender melhor sua relação com a língua e o que esta representa no contexto maior da situação de contato, lembremos o que uma velha nos falou um dia:

- "É nós num fala mais a gíria porque branco manga nós,"  
(Sinhã - Fevereiro/81)

Nesse momento é preciso fazermos uma breve retrospectiva da história do contato.

Os Apurinã estão em contato com a sociedade nacional desde meados do século passado. Habitavam as margens do Rio Acre. (ueri Akiri), Purus e afluentes. Eram guerreiros, exerciam seu domínio sobre as nações Paumari e Jamamadi numa enorme extensão de terra. Com a chegada das frentes pioneiras para exploração da borracha, em fins do século passado, os Apurinã se aliam aos invasores colaborando para a instalação dessas frentes, na abertura dos seringais que rapidamente foram se formando ao longo desses rios. Ocorre neste momento a destribalização dos Apurinã e sua inserção na economia regional que se formava. De índios guerreiros, os Apurinã passam a trabalhar como seringueiros e coletores de castanha. Como mão de obra barata na empresa seringalista eles tiveram de renegar suas origens, ser índio representava "salários" ainda mais baixos, "falar" a "gíria" era motivo de menosprezo e discriminação.

Assim viveram os remanescentes da grande nação Apurinã até praticamente o final da década de 60 quando o governo federal formula uma nova política de ocupação da Amazônia com vistas a sua integração à economia nacional. É nesse momento que se começa a construir estradas, os antigos seringais são vendidos a empresários do sul para criação de gado, extração de madeira de lei, etc. Os índios saem da beira do rio e vêm para a estrada para "expiar os carros". O seringal Aripuanã onde habitavam os Apurinã do Km 45 é vendido a um grileiro sulista e começa então uma intensa luta pela posse da terra.

Esses fatos marcam profundamente as relações índios e brancos e determinam suas atitudes com relação à escola, à professora, à língua.

Dentro desse quadro de relações exposto aqui ainda que de forma breve e fragmentária a língua aparece como um elemento muito forte de identificação do índio em contraposição ao seringueiro caboclo, numa região onde o pre conceito contra o índio é, ainda hoje, violento. Então os velhos deixaram de falar a língua, numa tentativa de esconder sua identidade.

É comum conversar com pessoas da região que contam histórias dos índios negando sua identidade...

- "Tu é índio?"

- Não, sou caboco."

Daí fica claro, por exemplo, o fato de uma geração falar Apurinã como primeira língua e a outra falar apenas Português.

Com a professora "cariu" na escola criou-se uma expectativa em torno das informações que a escola traria sobre o mundo *cariu*.

Com a escola, eles aprenderiam "muita coisa que os outro pessoa sabe." Porque o modelo de escola que eles tinham na cabeça a partir mesmo de algumas experiências anteriores, era o modelo de escola "cariu", da professora que bate no aluno, como me disse uma vez a mãe de um garoto:

- "Pode bater, dona Cláudia, se ele não quiser aprender.

Lã em Boca, tinha uma professora que batia com a régua na cabeça dos menino."

(Laura)

A escola como meio de informação sobre o mundo "cariu" seria também um meio de "assimilação" do universo complicado que eles necessitam co nhecer... "para não serem mais enganados."

Porque de acordo com sua experiência mais imediata o "branco" tem gado, fazenda, sindicato, banco, co-o-pe-ra-ti-va, muitos pês de café, di nheiro no bolso, radiola, gravador, máquina fotográfica, etc.

E o índio?

Esse, vive isolado numa reserva com 68 pessoas, cercado de fa zendas e sulistas, lutando por anexar uma parte de terra onde tem enterrado seus mortos e que hoje faz parte de uma fazenda de colonos paranaenses, viven do sem assistência de saúde, escolar, etc., entregue à própria sorte, contan do apenas com sua coragem.

Através da escola, sonham com um nivelamento impossível.

Não há como fazer voltar a história, os Apurinã, valentes guerreiros do passado, hoje, continuam a fazer a guerra, apenas, mudaram o inimigo e as regras do jogo.

É urgente enterrar de vez o fantasma de um passado indígena onde se falava uma língua esquisita e onde não havia nem cerca, nem gado, onde só habitava homens, povo Apurinã, "nosso parente".

Hoje a realidade é outra. Estudar a língua fica para deleite dos linguistas. Afinal nós, linguistas, temos tantas dúvidas.

---

#### NOTAS:

- 1) A pesquisa foi financiada pela FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. O projeto de pesquisa foi orientado pelo professor Maurizio Gnerre e co-orientado pelo professor Aryon Dall'Igna Rodrigues. Aproveito mais esta oportunidade para agradecer a confiança depositada no trabalho.
- 2) Termo usado na região para distinguir o não-índio.
- 3) Cesto de carregar.
- 4) É a pesca coletiva com tinguí, veneno de raiz ou folhas que depois de pisado é colocado no igarapé para narcotizar e matar os peixes.
- 5) Dados obtidos através de relatórios de dois ex-funcionários da Funai que trabalharam junto aos Apurinã do Km 45. São eles: Marco Antonio Mendes e Ronaldo Lima de Oliveira.